

A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS: UMA EPOPEIA DO SERTANEJO DO CEARÁ

VANDEMBERG SIMÃO SARAIVA

Mestrado em Letras - UFC
vandembergsaraiva@hotmail.com

RESUMO

O romance *A Casa*, de Natércia Campos, desvela algumas faces do viver do homem sertanejo cearense. Este artigo tem como objetivo verificar como a narradora constrói, através de seu discurso, uma épica do homem do sertão. Visto que a narradora é também espaço ficcional, ela resume em si essa região do interior do Ceará: lugar mítico, rico, humano. Palavras-chave: *A Casa*, narrativa épica, sertão cearense, literatura regionalista.

RÉSUMÉ

Le roman *A Casa* de Natércia Campos révèle quelques aspects de la vie de l'homme du sertão du Ceará. Cet article a comme but vérifier comment le narrateur construit – à travers de son discours – une épopée du l'homme du sertão. Puisque le narrateur est aussi l'espace du récit, il résume en lui-même cette région du Ceará: place mythique, riche et humaine.

Mots-clés: *A Casa*, récit épique, sertão du Ceará.

Em 1998, vem a lume o primeiro romance da cearense Natércia Campos (1938-2004): *A Casa*. Filha do escritor Moreira Campos, ela nasceu em Fortaleza, na Praia de Iracema. Segundo informação dada por Ademar Celedônio (2006, p. 9), Natércia, apesar de possuir identificações com a produção artística paterna, afirmou ser seu estilo mais mítico e mais influenciado pela literatura popular nordestina, principalmente através das obras de Câmara Cascudo.

Natércia, segundo nos diz Angela Gutiérrez (2007, p. 29), revelava a quem não a conheceu sua condição de vivente urbana e sua paixão pelo sertão, que, segundo ela própria, primeiro conheceu através de livros. Para a criação de *A Casa*, a escritora cearense muito pesquisou, conforme se verifica pela notícia que nos dá João Soares Neto (s. d. p. 176):

“Natércia Campos, além de escritora, é uma pesquisadora séria. Buscou e rebuscou a cultura popular, resgatando e recriando costumes, ditos, medos e a sabedoria do interior. Não ficou porém, (sic) emperrada ou limitada às pesquisas. Ao contrário, soube usar a imaginação que Deus lhe deu e palmilhou o caminho da solicitude, do individualismo necessário ao ato de criar, qualquer que seja o gênero, e o fez muito bem.”

O romance *A Casa* nos conta, a partir da narração de uma personagem no mínimo inusitada – um solar colonial –, a saga de uma família do sertão nordestino, cuja origem remonta a uma personagem real, o avô de Natércia, Francisco José Gonçalves Campos. No romance, esse senhor, imigrante português da região de Entre-Douro e Minho, constrói um casarão e o batiza de Trindades. É essa grande casa que narrará a epopeia dessa família, ícone do povo sertanejo do Ceará. Ela também é espaço narrativo, não somente pelo fato de as personagens residirem dentro de seus cômodos, mas por construir, através de seu discurso, o sertão cearense, que toma forma e se manifesta em suas peculiaridades entre as quatro paredes da Casa, pulsando de deslumbramento e vida.

Através da genealogia e das vicissitudes de uma família, é exposto um panorama da cultura popular do sertão cearense. Nossa intenção é verificar alguns aspectos que fazem com que haja pontos de interseção entre a narrativa de Natércia Campos e as narrativas de cunho épico e mítico, estas que delineiam, *grosso modo*, a história cultural de um povo. Além disso, queremos fazer algumas considerações sobre o espaço sertanejo reconstruído pela e na narradora, já que é no interior da construção que ele se manifesta.

Apesar de o romance *A Casa* se ligar a um arcabouço popular cearense, há o retrato das vicissitudes que acompanham o ser humana em qualquer região em que ele habita.

1. A criação de um narrador-personagem.

O pequeno romance *A Casa* possui imensos pontos de tangência com o que Walter Benjamin (1986) considera narrativa verdadeira, *grosso modo*, narrativa oral ou, se escrita, que a ela se aproxima, em que as experiências comunitárias são transmitidas de uma geração a outra. A narradora possui muitas características que a autorizam a participar do grupo dos contadores de

histórias primeiros e dos narradores épicos da tradição de Homero, cujas narrativas eram firmadas na tradição de seus povos.

A *Casa* é um romance que tangencia uma tradição a que pertencem as histórias míticas e religiosas. Os primeiros parágrafos do romance mostram a construção do espaço narrativo, semelhantemente aos relatos de criação demiúrgica, cujo excerto abaixo é um exemplo.

“Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibiraúna, a braúna, a madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino. (CAMPOS, 2004, p.7).”

Considerando que esses relatos de criação são transmitidos majoritariamente por uma tradição oral, a protagonista tem conhecimento de sua edificação através da voz dos ventos, que comunicam aquilo que é considerado verdade: “[...] contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento.” (CAMPOS, 2004, p. 7) Toda a narração da construção do espaço narrativo – que também é narrador-personagem – é eivada de alusões religiosas. Os próprios ventos, que, no decorrer na narrativa, são mensageiros e portadores de sabedoria, possuem grande carga simbólica judaico-cristã, principalmente em relação à vida. Em hebraico, vento e espírito designam-se pela mesma palavra: ruah (רוח).

O romance começa com a frase “Fui feita com esmero [...]” (p. 7). A partir disso, não há como negar a relação entre essa casa e outra, a de Vinicius de Moraes, que era “muito engraçada / Não tinha teto / Não tinha nada [...] Mas era feita / Com muito esmero” (1991, p. 28). A casa de Natércia também não tem nada, pois ela não existe concretamente, mas ficcionalmente. A autora mesma afirma isso: “Esta casa está construída dentro de mim”. (apud CARVALHO, 2006, p.10) Ou seja, o casarão realiza-se somente na criação literária da autora. O romance lembra o mito, que não busca um relato factual, mas alegórico e rico de significações. Como canta Fernando Pessoa, “o mito é o nada que é tudo” (1992, p. 31).

Ainda que não seja um mito, a narrativa da escritora cearense muito se assemelha a um, se consideramos que “*mythos* [μῦθος] é uma fala, um relato ou uma narrativa cujo tema principal é a origem (origem do mundo, dos homens, das técnicas, dos deuses, das relações entre os deuses, etc.).” (CHAUÍ, 2005, p. 265, grifo da autora) No romance em questão, é o relato da criação do mundo ficcional e do espaço ficcional: a Casa. Lévi-Strauss faz o seguinte comentário sobre como opera o discurso mítico:

“[...] o discurso mítico opera [...] pelo mecanismo da *bricolage*, isto é, assim como alguém junta pedaços e objetos antigos para fazer um objeto novo, no qual se podem perceber as partes ou pedaços dos objetos anteriores, assim também o *mythos* constrói a sua narrativa, não como o *lógos*, elaborando de ponta a ponta seu objetivo como algo específico, mas como um arranjo e uma construção com pedaços de narrativas já existentes. (s. d. apud CHAUÍ, 2005, p. 265, grifo da autora).”

Ainda segundo Lévi-Strauss, o mito e o rito “não são simples lendas fabulosas, mas uma organização da realidade a partir da experiência sensível enquanto tal.” (s. d. apud CHAUÍ, 2005, p. 164) É essa organização que a narradora irá construir no decorrer do romance. Ligando pedaços de narrativas já existentes no arcabouço popular sertanejo com fatos observados por ela dentro de suas paredes, a Casa, como um rapsodo, tece um discurso que toca a linguagem mítica.

Ela só conhece o que acontece dentro dela ou o que os ventos e outros contadores de histórias dizem, pois sua visão não é voltada para fora, somente para dentro. Aquilo que se passa no exterior de suas paredes só é entrevisto através do espelho que o Bisneto, um dos personagens da grande galeria que passam pelo romance, trouxe de Veneza. A partir da luz que se volta para dentro de si, a Casa “vê, vigia, supervisiona, espreita.” (BACHELARD, 1978, p. 219)

[...] o velho espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira. Viera de longa viagem. O Bisneto que o trouxera contara que o espelho fora feito pelo artesão Laurentis, o Veneziano, de alcunha “o mago dos espelhos”, e que este homem não vira o reflexo de sua imagem ao terminar de polir a película metálica. [...]
Na lâmina deste espelho vi tal qual nas águas límpidas as imagens que ele trazia porta adentro do que existia e acontecia à sua frente durante o dia [...]. (CAMPOS, 2004, p. 30-31)

O cantar, ou melhor, o narrar da Casa fundamenta-se em “matéria épica, porque matéria pronta recolhida para expressar uma identidade regional.” (VICENTINI, 2007, p. 188) J. S. Alves, no verbete *epopeia*, presente no E-Dicionário de Termos Literários (2010), conceitua esse gênero, entre outras características, como um texto poético, predominantemente narrativo, dedicado a fenômenos históricos, lendários ou míticos considerados representativos de uma cultura. Notamos, assim, que *A Casa* é um texto que se aproxima da narrativa épica.

2. A reconstrução de um espaço.

Viu-se que a Casa só tomava conhecimento do que ocorria fora de suas paredes pela voz dos ventos, de outros personagens ou através do espelho. O espelho era reflexo de uma realidade. No romance, porém, a capacidade de refletir ou de evocar uma imagem não é propriedade somente do espelho. Trindades conheceu a casa da serra por meio de uma representação exposta por uma pintura. Observamos, então, que o jogo de imagens é recorrente nessa narrativa.

Os cômodos do casarão também participam desse jogo, visto que o espaço físico do interior da Casa reflete o sertão cearense, que é refeito pela narrativa da protagonista. Sobre o espaço sertanejo reconstruído, assim se expressa Vicentini:

[É] um mundo já elaborado, matéria pronta, que enfatiza espaços físicos, história, usos, costumes, imaginários específicos e regimes interpessoais (exóticos ou não), cobertos pela experiência no sentido benjaminiano do termo, cujo conteúdo se resolve num poema ou numa narrativa, ambos fictícios. (2007, p. 187)

Além disso, *A Casa* apresenta uma identidade grupal – especificamente a de uma família cuja gênese remonta a um português de Entre-Douto e Minho – com a totalidade de seu mundo representado mantendo-se como conteúdo primeiro para a exposição de uma épica do povo sertanejo cearense.

Temos assim uma espécie de “síntese do espaço”, visto que o sertão do Ceará está compactado em um espaço menor: a Casa, cenário concreto,

mas também psicológico; real, mas também mítico. Bachelard diz que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa.” (1978, p. 200) Considerando-se essa afirmação, destacamos a importância do relato da narradora sobre os viventes, tanto os proprietários quanto aqueles que a estes visitam (entre os visitantes, Ela, a morte).

Ao transformar o espaço físico em moradia, os habitantes projetam nele suas intimidades. Assim, todos aqueles que desfilam pelos cômodos da Casa gravam nela a figura que eles são do espaço rural sertanejo; “[...] o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.” (BACHELARD, 1978, p. 200) O poeta Carlos Augusto Viana nota que a realidade no romance de Natércia “veste outros tecidos, desconhece barreiras e transcende o ilusório mundo das representações espaciais.” (s. d., p. 187) Ele continua:

“A princípio, a simples idéia de ‘casa’, por exemplo, imprime o domínio de uma espacialidade geograficamente determinada; mas, para a ficcionista, isso não passa de um dentre seus inúmeros disfarces: a casa, mais que materialidade espacial, é, em verdade, a legião de apelos, vícios, desejos, concupiscências, medos, remorsos, dúvidas, ódio, paixões etc (sic) que, em procissão, percorrem, com os olhos, as vigas e as telhas; e, com passos, ora lentos, ora dissimulados, os quartos e os corredores.” (p. 187-188)

O sertão cearense na narrativa de Natércia se constrói não somente pela descrição da área física, mas pela presença do homem e da mulher do Ceará. O jornalista e escritor Blanchard Girão (s. d., p. 182), em resenha de *A Casa*, sutilmente faz essa observação, conforme se verifica no trecho abaixo.

“O livro é um misto de romance, de biografia, de folclore, de história regional. Mas acima de tudo é um poema, um lindo poema telúrico. Cada página, cada frase, está impregnada da força imponderável da terra, com seus costumes, suas crenças e superstições, os postais da sua beleza natural, com seus montes, sua vegetação, suas pedras, e, *especialmente, seus viventes e seus segredos.*” (grifo nosso)

Se não há romance regionalista sem espaço, ele não pode ser regional se se limita a puro descritivismo. Lígia Chiappini Leite (1995, p. 5) faz esse alerta ao mencionar que o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas, mas cuja região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa, é situado no mundo ficcional. A região

descrita no romance é a Casa e está na Casa. O espaço do texto de Natércia é concreto e psicológico ao mesmo tempo, e também mítico, simbólico e representativo da região cearense. Sobre a espacialidade em literatura, assim se manifesta Vicentini (2007, p. 189-190):

“Se a questão do espaço, pelo menos em literatura, se mantém muito pelo suporte do enunciado da *descrição* – muito típica do regionalismo, inclusive, –, ela também só se resolve em outros suportes que integram essa descrição, que são o *cenário* e a *história relatada*, com o seu mundo representado.

[...]

Um cenário, para não pecar em literatura, deve ser sempre um cenário também social.” (grifo da autora)

A Casa não se conceitua somente como um espaço sertanejo. Dentro de suas paredes, o mundo alarga-se e transcende a região, pois revela um pouco de todo brasileiro que labuta no pasto. Nas palavras de Caio Porfírio Carneiro (s. d., p.158), a Casa é um espanto, pois, segundo o escritor e crítico literário:

“A Casa espanta as sombras do passado e traz ao vivo a vida, os costumes e hábitos, os entreveros familiares, das crendices aos folguedos, do heroísmo ao padecimento – todo o sopro feudal de um passado que estrebuchou para morrer, (sic) e que, ainda hoje, pelo país afora, deixou marcas indeléveis. A Casa é a casa e é uma face ampla da nossa história, centrada no Ceará com irradiações nacionais, pois com ela caminha a chamada ‘civilização do couro’, dos currais e pastoreio.”

São nos cômodos do solar que seus habitantes encontram tanto o prazer e a vida quanto a dor e a morte. Trindades nasce com a família do minhoto que a construiu para nela colocar sua grei. Sem ela, a saga dessa família seria dispersa e seus primeiros moradores estariam atirados no mundo. Mas ela é berço desse clã. A vida começa bem, agasalhada pela Casa, que também “nasce” ao lhe ser colocada a pedra de lioz.

“Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono descobriu-se solenemente antes de levantá-la, ajudado por dois mestres de cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios. Sob ela se guardariam amuletos, simpatias e seriam enterrados os umbigos dos recém-nascidos para que fossem apegados à casa paterna. Nela se pediriam graças e se dariam bênçãos nas partidas. Era no seu limiar que a mãe recebia, de volta dos braços da madrinha, a criança já batizada: “Minha comadre, aqui está seu filho que levei pagão e lhe entrego cristão”. Na soleira, como na pedra de ara dos altares, as mulheres não deveriam tocar para não secarem a madre, tornando-se estéreis.” (CAMPOS, 2004, p. 9-10)

Nem sempre, no entanto, mesmo com a pedra de lioz, a Casa pôde impedir a hostilidade dos homens. Ela percebe que o mal não vem de fora simplesmente, como vieram os morcegos que se instalaram em seus caibros. Ele nasce do coração do homem. O bem e o mal, o nascer e o morrer, a surpresa diante do destino e a luta de cada dia, isso tudo a Casa observa dentro de si. Ao narrar o homem do sertão debater-se com a vida que o acabrunha ou o exalta, a narradora revela o homem mesmo, independente de sua localização geográfica. Ela narra a condição humana.

3. A Casa e a transmissão da experiência do povo sertanejo.

Walter Benjamin (1986, p. 198-199) afirma que todos os narradores ditos verdadeiros recorrem à experiência que se transmite de pessoa a pessoa. Assim, as melhores narrativas escritas são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos. Como dito antes, a Casa foi construída em terra cearense por Francisco José Gonçalves Campos, um imigrante de Entre-Douro e Minho, região de Portugal. O chão escolhido havia sido habitado por índios cariris, e os negros escravos perpassaram os cômodos do casarão durante muitos anos. Assim, a Casa presenciou a permanência das tradições dessas etnias e suas miscigenações e testemunhou estilos de vida que se repetiriam durante séculos, enriquecendo a narradora com vivências comunitárias que se tornaram sabedoria popular.

O conhecimento da Casa das histórias da família que a ocupou – família que representa o povo cearense –, porém, não se formou apenas com suas experiências, ela muito aprendeu com quem tinha muito a contar, pois eram viajantes: os ventos. “[...] contaram os ventos [...].” (CAMPOS, 2004, p.7) “O insólito ocorre na hora das trindades como a visita breve, agradável, do viajero vento AraKa’ti...” (2004, p. 15, grifo da autora) “O vento AraKa’ti esta noite, ao chegar com sua brisa boa, encontrou homens, mulheres e crianças reunidos no alpendre atraídos pela história de um rasto de um menino.” (2004, p. 82, grifo da autora) Personagens como o Passador de Gado

e a Tia Alma também trazem relatos e crendices, costumes e moralidades que contribuem na construção das experiências da narradora.

Esse conhecimento produz uma dimensão utilitária, particularidade que contribui para esclarecer o que Walter Benjamin chama de “verdadeira narrativa”. Benjamin (1986, p. 200) diz que o senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Essa utilidade pode ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. O texto de Natércia é pleno disso, há toda uma exposição do que seja a vida do sertanejo do Ceará. Se o narrador, para Benjamin, é alguém que sabe dar conselhos, a Casa e tantos personagens cuja voz ela guardou adequam-se muito bem a tal perfil. Seguem-se alguns desses “conselhos” presentes no texto.

“Gostava meu dono das citações em latim ‘Astra movent hominis, sed Deus Astra movet’, ‘Arbor bona bonos fructus facit, et mala malos’.

Recordava que viera de longe sob a proteção do Cruzeiro do Sul, a mais bela cruz do céu, em busca de um novo mundo. “Ultra Equinoccialem, non peccavi”. [...] Aprendíamos com ele, por suas histórias, sobre os Santos do Dia, das estrelas cadentes que eram lágrimas de São Lourenço, morto em braseiro de fogo ardente. A peregrinação lunar e a variedade de suas mudanças, os eclipses a privar de luz a terra, as Estrelas Marinheiras – as Plêiades – que eram aqui chamadas de Sete-Estrela ao surgirem com as chuvas nas mutações do tempo. Falava da Via Láctea que ele dizia ser a Estrada de Sant’Iago, o nosso Caminho das Almas, atravessando os céus, partindo do Cruzeiro do Sul; dos remédios universais de velhíssimas fórmulas; da Natividade; dos lutos e penitências da Quaresma, com seus santos envultados na penumbra; da festa das fogueiras e da quadrinha sobre o dia do Santo Precursor [...]

Sobretudo, ensinava a viver. Tudo tão longe. Esbatido, névoa. Perdura dentro de mim a voz. (CAMPOS, 2004, p. 19-20, grifo nosso)

Criei eles e estão aí essas estampas, que tanto devem às sobras das comidas da Casa Grande. Mas o bocado mais mal dado é o que se dá a um filho na intenção dele mais tarde lhe proferir. (CAMPOS, 2004, p.47)

Ensinava que comida provada na mão mais de três vezes destemperava e na demora de cozinhar é só virar os tições ao contrário para acelerar o cozimento. Sua neta aprendera com ela a bater caçula no pilão de pedra. Juntas, uma na frente da outra, cada qual com sua mão de pilão, socavam o milho em pancadas surdas, alternadas e aquele som de pilar em dupla atraía quem o ouvia pela cadencia. (CAMPOS, 2004, p. 68)

Observamos que a narradora retira da experiência o que ela conta – sua própria ou dos outros –, ainda que não incorpore a coisa narrada à experiência de seus ouvintes, vistos que muitos deles talvez não tenham conhecido ou não pertençam mais a esse mundo não urbano, não tecnológico, não individualista. O texto de Natércia, se não procede da tradição, dela se

nutre e, se não alimenta essa tradição, a registra e divulga. Ele traça um painel da saga do homem e da família cearenses, de sua organização social comunitária e de sua cultura, recuperada pela memória da protagonista.

4. A Casa, o tempo e a memória.

A Casa, que tão habilmente nos narra o que vê e ouve, não se preocupa em dizer a sua própria história. Mais importante, para ela, é narrar fatos acontecidos com os outros. Quanto mais a Casa ouve, mais ela se esquece de si mesma e mais profundamente se grava nela o que foi ouvido, despertando o dom de narrar. O Passador de Gado, a quem a Casa delega a voz narrativa em um dos melhores relatos do romance, em determinado momento exclama: "Sempre que conto este caso me desabafo, agora neste instante melhorei, até me deu fome." (CAMPOS, 2004, p. 43) Em outro, diz: "– Isto se passou há muito tempo, mas até hoje me tira o sono se eu não assoprar para bem longe o pensamento dessa história." (2004, p. 38) As duas citações referem-se à necessidade de narrar daquele personagem, no entanto podemos afirmar que a Casa também sente esse imperativo.

A narradora de *A Casa*, por não desgastar-se com a morte como todos os homens, personifica a tradição oral, cujo pecúlio é enriquecido com o saber, a sabedoria e a existência vivida do homem. No parecer de Walter Benjamin, é desse pecúlio que são feitas as histórias.

"O que vivi no longo tempo que me foi dado tornou-se um infindo de viventes, gestos, vozes, imagens, atos que surgem imprecisos de suas épocas e gerações. Emaranham-se as histórias. Voltam sem o ímpeto, a chama que lhes deu a vida, e de todas elas sei o final, o desfecho. Ressuscitam sem encadeamento, artes do velho tempo, a embotar estas reminiscências com sua pátina. Diferem das histórias contadas pelos homens até porque o tempo deles é por demais curto. Estão ainda em pleno aprendizado, na busca de respostas, de entender sobre os seus de sangue para neles se descobrir, na vã peleja com o obstinado Destino, quando são surpreendidos por Ela [a morte]. Este seu viver de cada dia sob a expectativa da tocaia desde o berço e cientes da arbitrariedade d'Ela, que os pode sentenciar a qualquer momento, gerou neles a loucura de viverem como se imortais fossem, daí tantas lágrimas e sonhos vãos." (CAMPOS, 2004, p. 24-25)

Conforme o ensaio do filósofo alemão, o interesse em conservar o que foi narrado domina a relação entre ouvinte e narrador, daí a vontade do

Bisneto em registrá-las por escrito, para que não se percam por falta de memória.

“– Ah, Eugênia, agora você me fez ter saudades das histórias contadas à luz de velas ou das candeias. Desde menino gostei de ouvir as histórias contadas por meu avô, as de Trancoso da negra Damiana e as do mundo vivido pelo passador de gado. Hoje os três estão invisíveis, mas suas histórias perduram na minha alma, por isso tenho eu escrito.” (CAMPOS, 2004, p. 72)

Ainda segundo Walter Benjamin (1986, p. 210-211), somente uma memória abrangente permite a apropriação do curso das coisas, por um lado, e a resignação, por outro, pelo desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte. A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Ela tece a rede que, em última instância, todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstram os narradores – e a Casa é um deles – em cujo seio vive uma Sherazade. Uma história surge da outra, como algo surge de outro na trova seguinte:

“Minha vida está dentro do porco-espinho
dentro dele há uma caixa
dentro da caixa há uma rolinha
dentro da rolinha há um ovo
dentro do ovo há uma vela acesa
e é na chama que está a minha vida
se ela apagar um dia, morrerei.” (CAMPOS, 2004, p. 77)

A respeito de sua memória, a narradora nos diz que ela, em muitos momentos, não consegue costurar os episódios narrados. No entanto, na economia do romance, os relatos seguem coesos.

5. A Casa, uma aquarela.

Foi dito acima que a Casa se nutre da tradição popular nordestina, principalmente cearense, e torna-se voz de um modo de ver o mundo e de viver a existência que se encontra hoje apenas em alguns rincões do Ceará e de outros estados do Nordeste. Esse arcabouço cultural, aos poucos, sofre modificações devido ao contato com os valores urbanos, ditos civilizados. Valores outros que não são um contínuo da tradição. Muitas das manifestações

do povo interiorano já desapareceram, e outras tendem a sumir. Considerando essa realidade, as últimas páginas do romance denunciam isso. Na deteriorização e no abandono sofridos pela Casa, há referência ao esquecimento de uma tradição cultural secular.

“Nas minhas telhas, com o passar dos anos, os ventos semearam tufo de ervas, espinhentos cardeiros, sementes e parasitas que se enroscam, fazendo surgir suas pontas verdes entre elas. Os sons de vida são trazidos pelos pássaros e pombos com seus gravetos e arrulhos de alma penada. Foram todos eles que fizeram aparecer, na estação das chuvas, as goteiras que umedeceram minhas paredes, criando com suas manchas escuras figuras a lembrarem rostos, pedras, serras. Nelas subiam a perscrutar as lagartixas e os verdes papa-ventos parados, com a cabeça parada para onde sopram os ventos e deles se sustentando por longos meses. Pelas frestas das minhas telhas as réstias de sol descem finas como as linhas de luz, que jorram das pontas dos dedos das imagens de santos e nelas o pó torna-se alado.

[...]

Há muitos anos, quando fui doada de porta cerrada, o novo dono mandou ferrar o tabuado da minha grande porta com o seu ferro. Posse vã. Aconteceu no tempo em que já se iniciava a Lei Nova, com novos costumes, pois o tempo do Rei Velho com seus preceitos findara-se. [...] O sertão não era mais a vastidão de terras sem limites, começara a ser demarcado com cercas e arames farpados. Prevalencia só a marca única do proprietário no lado direito da rês.

[...]

Careço de luz. Faz longo tempo que não acendem fogueiras. Só dos céus chegam seus lumes que me envolvem. Sinto que o tempo que me foi dado já está prestes a se findar.” (CAMPOS, 2004, p. 84-85)

O desgastar-se da Casa é o desgastar-se do universo popular sertanejo, cheio de experiência e saber acumulado – passado de uma geração a outra por via da oralidade – e de manifestações do sobrenatural e do poder da natureza. A nossa casa, segundo Gaston Bachelard (1978, p. 200) “... é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo.”

Quase no final do romance, a narradora recebe a visita de alguns jovens. Entre eles encontra-se Eugênia, uma das descendentes das moradoras da casa. Sua trisavó, também de nome Eugênia, deixou-lhe de herança a aquarela da Casa, pintada pelo amante do Bisneto. O modo como os visitantes notam o casarão revela, de certa forma, a morte da tradição sertaneja do Ceará. Eles não participam de um mundo cujo contexto tradicional e mítico afirma haver enigmas e mistérios aparentes ou reais. Por isso, não possuem experiências nem vivências para ver e ouvir essa realidade, que é outra em contraponto a deles. Sobre isso assim se expressa Paulo de Tarso Pardal (2004, p. 30-31):

“Esses últimos personagens agem diferentemente dos que lá viveram e vêem nela apenas um espaço onde morou uma família de muitos descendentes. Eles fazem parte de um outro tempo e não sabem descobrir-lhe o segredo.

A única personagem que entra em sintonia com a casa faz parte da família e, por isso, sensitivamente, percebe que a casa tem histórias para contar [...] Os demais personagens são como o homem pós-moderno: são passageiros do mundo, portanto, dentro deles não há raízes suficientes que os firmem no espaço mítico da casa, daí a superficialidade e a textura descartável que eles assumem.”

As casas dessas personagens não têm raízes. São casas da cidade, da civilização. Há falta de cosmicidade nas casas dos grandes centros urbanos.

A narradora sonha, na última página do texto, ser uma aquarela debaixo do espelho das águas da barragem. Com o tempo, as aquarelas esvanecem, apagam-se. Bela imagem para representar um modo de ver e estar no mundo que desaparece.

Eugênia foi a primeira a ver o solar no fundo da represa. Como a arca de Noé flutuava tranquila depois das chuvas, a Casa descansa sob as águas. E os ventos as sobrevoavam à procura do casarão, como o Espírito de Deus pairava sobre as primitivas águas.

6. Considerações finais.

Depois do exposto neste artigo, podemos afirmar que o romance *A Casa* se assemelha às narrativas épicas. A história cultural do povo sertanejo cearense perpassa o contar da narradora e pincela o espaço do sertão com cores locais, fazendo da família do minhoto Francisco José Gonçalves Campos um ícone do povo do interior do Ceará.

A *Casa*, por sua aproximação com a narrativa mítica e suas exposições de uma maneira peculiar de ver e viver o mundo, lembra-nos uma epopeia que se estende de seu Gênese ao seu Apocalipse – ou Dilúvio. É uma pequena e bela mostra de literatura cearense. Se é verdade que não tem a seca como pano de fundo – temática que tantas riquezas trouxe à literatura nordestina –, não deixa de realçar o valor próprio do sertanejo.

Mesmo que o espaço urbano venha estendendo seus domínios no interior dos estados, a narrativa de Natércia impede-nos de esquecer o sertão como fonte mesmo do ser cearense.

REFERÊNCIAS

ALVES, Hélio J. S. Epopeia. (2010) In: E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/epopeia.htm>> Acesso em: 15 jun. 2010.

BACHERLARD, Gaston. (1978) A poética do espaço. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, p. 181-354. (Coleção Os pensadores)

BENJAMIN, Walter. (1986) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. _____ *Magia e técnica, arte e política*. Rio de Janeiro: Brasiliense, p. 197-221.

CELEDÔNIO, Ademar (Org.). (2006) *Análise das obras e autores*. Fortaleza: Editora Aprender LTDA.

CAMPOS, Natércia. (2004) *A Casa*. Fortaleza: Edições UFC. (Coleção Literatura no vestibular, 2)

CARNEIRO, Caio Porfírio. (s. d.) *A Casa de Natércia Campos*. Retirado do arquivo pessoal da autora, situado no Arquivo Museu do Escritor Cearense (AMEC).

CARVALHO, Eleuda de. (2006) As chaves de uma casa chamada Trindades (um primeiro olhar crítico sobre o livro *A Casa*) In. CELEDÔNIO, Ademar (Org.). *Análise das obras e autores*. Fortaleza: Editora Aprender LTDA.

CHAUÍ, Marilena. (2005) *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.

GIRÃO, Blanchard. (s. d.) O poema telúrico d'*A Casa* de Natércia Campos. Retirado do arquivo pessoal da autora, situado no Arquivo Museu do Escritor Cearense (AMEC).

LEITE, Ligia C. Morais Chiappini. (1995) Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: *Estudos históricos: história e região*. Rio de Janeiro: v. 8, n. 15, p. 156

MORAES, Vinicius de. (1991) *A arca de Noé: poemas infantis*. São Paulo: Companhia das Letras.

PARDAL, Paulo de Tarso. (2004) *A casa Natércia Campos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico. (Coleção Ensaios, 4)

PESSOA, Fernando. (1992) *Mensagem*. São Paulo: FTD. (Coleção Grandes Leituras)

SOARES NETO, João. (s. d.) A Casa dos Campos. Retirado do arquivo pessoal da autora, situado no Arquivo Museu do Escritor Cearense (AMEC).

_____. Celebração - Natércia Campos. (2007) In: GUTIÉRREZ, Angela; MORAES, Vera. *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*. Fortaleza: Imprensa Universitária.

VIANNA, Carlos Augusto. (s. d.) Natércia Campos: a memória dos ventos. Retirado do arquivo pessoal da autora, situado no Arquivo Museu do Escritor Cearense (AMEC).

VICENTINI, Albertina. (2007) Regionalismo literário e sentido do sertão. In: *Sociedade e cultura*. UFG, v. 10, n. 2, jul./dez. p. 187-196.